

II Encontro anual de
INICIAÇÃO 
CIENTÍFICA DA UNESPAR

A Crítica de Arte de Fernando Bini: Jornal da ABCA

Ana Paula Krachinski (PIC, Fundação Araucária)
Unespar/Campus I, ana.paulascheffer@hotmail.com
Katiucya Perigo (Orientadora),
Unespar/Campus I, katiucya@yahoo.com.br

Palavras-chave: Crítica de Arte. Artes Visuais. História da Arte do Século XX.

1. INTRODUÇÃO

Em meados do séc. XIX, a arte era vinculada a salões e academias, onde o crítico de arte exercia a função de juiz. O crítico poderia realizar uma crítica parcial, apaixonada, política, tarefa difícil que ensina ao expectador a respeito da obra de arte. É considerando esta tarefa do crítico de arte que passamos a estudar a produção escrita de Fernando Bini (1949) que é membro da Associação Internacional de Críticos da Arte, da Associação Brasileira de Críticos de Arte, professor de História da Arte de cursos de artes da cidade e que com muito empenho vem pesquisando a arte regional, mostrando com isso que a crítica tem acompanhado com atenção os movimentos artísticos e o desenvolvimento da nossa arte. Para isso, realizamos uma análise dos artigos escritos por Fernando Bini para o Jornal da ABCA (Associação Brasileira dos Críticos de Arte) e uma interlocução com o referencial teórico proposto no projeto. Nestes artigos Fernando Bini estabelece uma conversa entre a obra e o leitor e o faz de forma singular, no que diz respeito a linguagem, aspectos pedagógicos e sensíveis da obra. Com estas informações em mãos passamos a fazer uso do texto de Tania Regina de Luca que trata do manuseio e da compreensão das Fontes impressas, com enfoque em revistas e jornais.

2. METODOLOGIA

Esta pesquisa é documental e de caráter exploratório, baseada na abordagem da historiografia recente. Para tanto, depois de fazermos a leitura das bibliografias buscamos através do Jornal da ABCA os exemplares dos textos críticos escritos por Fernando Bini sobre alguns artistas paranaenses para o mesmo. Os artistas são: Fernando Velloso, Poty Lazzarotto, Jair Mendes, Deise Marin, Tânia Bloomfield e a residência artística que aconteceu em Faxinal do Céu.

Com base nas informações das referências bibliográficas e os exemplares escritos por Fernando Bini, passamos a elaboração de textos sobre cada um destes artigos, assim estabelecendo um diálogo entre eles. Para fazermos uma ligação entre a crítica de arte de Fernando Bini e o Jornal da ABCA nos baseamos na proposta de Tania Regina de Luca, que apresenta reflexões possíveis ao

historiador que pretende utilizar a fonte jornalística como forma de suporte para o seu trabalho, pois esta, além de ser ampliada também tornou - se o objeto da pesquisa histórica, dando assim espaço para a pesquisa e análise dos textos, por serem marcados pela objetividade e neutralidade.

3. DISCUSSÃO

De forma geral poderíamos dizer que os jornais foram analisados por nós como um todo, embora nosso foco tenha sido as matérias escritas por Bini. Vimos então que alguns aspectos tornam o Jornal da ABCA um grande aliado no que diz respeito a questões que envolvam o conhecimento e as informações relativas ao campo das artes e também da educação, visto que a abordagem aos assuntos referentes à educação é de total relevância, pois está intrinsecamente ligado às artes. O jornal se apresenta em formato grande (tamanho A3), com excelente qualidade de papel, imagens e organização de textos que compreendem, além de artigos escritos pelos membros da associação, também entrevistas com artistas e datas de lançamentos de livros. Isto faz com que este suporte se torne além de um informativo também uma fonte para unir os críticos no que diz respeito a troca de ideias. Sobre estes aspectos é importante salientar que tendo o jornal se tornado parte do cotidiano, o próprio jornal tornou-se um meio de busca e pesquisa sobre diversos assuntos, o que nos leva a concordar com Tania Regina de Luca (2005, p.118) ao afirmar que “... ao lado da História da imprensa e por meio da imprensa, o próprio jornal tornou-se objeto da pesquisa histórica”.¹ . É exatamente neste contexto que utilizamos do Jornal da ABCA para elaborarmos e desenvolvermos a pesquisa sobre a crítica de Fernando Bini. Já nas primeiras páginas são descritas informações de todo o jornal, com um índice de matérias, pequenas resenhas dos assuntos que serão tratados no exemplar e o expediente editorial com os nomes de toda a diretoria e vice-presidências regionais. Em alguns exemplares são realizadas matérias em inglês como no exemplar de 13 de outubro de 2007 o qual trazia na capa o título “Brasil, 50 anos depois, o 2º Congresso da AICA. Fazem parte do jornal um espaço de carta ao leitor, onde são inseridas informações relevantes sobre os editoriais com vocabulário acessível. Também precisa ser destacada a singeleza dos trabalhos elaborados nos detalhes das páginas com uma linha tracejada, que nos remete a forma de inscrição de que se tem algo a fazer, em movimento, onde imaginamos que esteja sendo pedida a participação do leitor, visto que esta linha tracejada percorre todas as folhas (fig.01).

¹DE LUCA, T. R. Historia dos, nos e por meio dos periódicos. In: Pinsky, C. B. (org.). Fontes Históricas. São Paulo; Contexto, 2005. p. 111-153.

II Encontro Anual de Iniciação Científica
Universidade Estadual do Paraná
Campus Paranavaí, 25 a 27 de outubro de 2016.



Figura 01-Página do Jornal da ABCA, agosto de 2005.
(Reproduzido do Jornal da ABCA, São Paulo, p. 30 – 31, 01 ago. 2005).

Agora adentremos no que diz respeito especificamente à crítica de Bini. Tínhamos a tarefa de sintetizar o papel do crítico de arte, para isso, passamos aos questionamentos que giram em torno do assunto. O que é ser crítico? Qual o seu papel? Vimos através dos textos e referenciais bibliográficos que o crítico de arte é a pessoa que direciona o olhar, aponta detalhes, ensina a sentir e incorporar a obra de arte, dentro da visão do espectador, que as vezes não possui elementos de ordem literal para compreender de imediato a proposta do artista, fazendo deste exercício uma escola do ver. Para melhor desempenhar o seu papel, o crítico compreende a seu modo o objeto analisado e com base neste resultado faz uma interação entre o sujeito e o objeto. Existem críticos que analisam fria e tecnicamente a obra, já outros adotam critérios meramente subjetivos e deixam de lado qualquer abordagem lógico-científica. O crítico tem a tarefa de analisar o objeto artístico gerando um novo conhecimento e fazendo uma reflexão entre a obra de arte e a relação com o artista, sua história de vida, temperamento, bagagem cultural, formação e a sociedade em que ele estava inserido ao executar a obra. Desta forma o crítico cumpre o seu papel e dá sua contribuição para a sociedade. Este significado da crítica vem de encontro com o que diz Mário Pedrosa *apud* Arantes (1995, p.165), que assim descreve o papel do crítico como tarefa árdua mais ao mesmo tempo prazerosa. Assim ele diz:

“A crítica não se faz no vácuo, mas um rigoroso condicionamento que compreende, de um lado, o temperamento e a bagagem cultural do crítico (...) e, de outro, o meio onde atua. Ou mais precisamente: as comunidades dentro da sociedade, em menor ou maior contato com fenômeno artístico”².

²ARANTES, Otilia. Política das Artes, Mário Pedrosa. São Paulo: Editora da USP,1995.

II Encontro Anual de Iniciação Científica
Universidade Estadual do Paraná
Campus Paranavaí, 25 a 27 de outubro de 2016.

A seguir, vamos adentrar nas críticas que Fernando Bini elabora para o Jornal da ABCA, onde externa além de sua experiência como crítico de arte também o papel de educador e evidencia seu gosto e preferência pelos artistas paranaenses.

3.1 Fernando Velloso, o artista e o crítico

Nascido no dia 09 de agosto de 1930 em Curitiba no seio de uma família tradicional, Fernando Velloso não segue os passos do pai, advogado e político, pois desde pequeno os desenhos em seus cadernos escolares já denunciavam a vontade de ser artista. Estudou na Escola de Música e Belas Artes do Paraná tendo como mestre Guido Viaro. Também estudou na Academia de André Lhote na França. De volta ao Brasil participa ativamente da política cultural do Estado do Paraná, pois é o Fundador do Museu de Arte Contemporânea do Paraná. Esteve e se mantém envolvido até hoje ligado aos mais diversos conselhos de arte e cultura públicas e privadas do Estado.

Nas críticas que Fernando Bini realiza para o Jornal da ABCA (p.12-13, 01 abr.2009), vemos claramente a figura do professor, que é como este crítico gosta de ser chamado. Nela ele exorta a absoluta desenvoltura e obstinação com que Fernando Velloso (1930) executa o que se propõe a fazer, seja numa tela, no ensinar artístico ou no meio da política cultural do Estado, bem como as diversas fontes em que o artista trabalha, não só nas artes plásticas, mas no teatro, cinema e música.

A pintura das telas de Velloso é apontada por Bini como um espaço em que o artista tem consciência que não é ilusório e sim de inscrição de linguagem, tendo assim o poder de ensinar, de passar para o apreciador de forma sutil um conforto no olhar, pois se faz presente além da representação artística o papel de educador, que se utiliza das telas para distribuir as imagens, as cores e as texturas usadas por ele e que são descritas de forma magistral pelo crítico que passa estas informações ao apreciador pois em suas obras não existe objeto aparente, dando ao papel do crítico uma responsabilidade maior do que quando se tem uma obra figurativa. Podemos observar claramente estes aspectos sendo abordados por Velloso em sua obra “ Composição em azul 3”, como mostra a figura 02.



II Encontro Anual de Iniciação Científica
Universidade Estadual do Paraná
Campus Paranavaí, 25 a 27 de outubro de 2016.

Figura 02- Fernando Velloso. Composição em azul 3, óleo sobre tela 120x 60 cm, Paris, outubro de 1960.

In: BINI Fernando. Fernando Velloso: o seguro exercício da forma e da cor, 2003. p. 46.

3.2 Jair Mendes, o lado humano do sagrado

Vicente Jair Mendes, nasceu em São João do Rio Pardo, São Paulo em 1938, mas teve toda a sua formação artística no Paraná. Estudou na Escola de Música e Belas Artes do Paraná onde foi aluno de Guido Viaro, em 1960 fundou com outros artistas o Círculo de Artes Plásticas do Paraná. Também estagiou no Centro Georges Pompidou em Paris e na Academia de Brera em Milão. É pintor, desenhista, gravador, professor e administrador cultural.

Na crítica a Jair Mendes (1938), edição (01 ago.2005, p. 30-31), Bini se deleita em rasgados elogios ao artista o qual Bini adjetiva como rebelde e que em alguns aspectos se assemelham a vida do próprio crítico, no que diz respeito aos aspectos pedagógicos da arte, tendo em vista que Jair Mendes também atuou como professor e sabendo de História da Arte consegue de forma primorosa fazer em suas obras uma síntese dos antigos artistas que com profundidade trabalhavam as relações entre o sagrado e o profano, entre a realidade da arte e a realidade da sociedade. Artista alegre e colorido por natureza, gosta de pintar as dores e tragédias sociais com inspiração moral e cristã. Bini descreve o artista como completo, sendo o desenhista e pintor de vida de alma humana. Sua pintura vibrante, forte e colorida não nasce em um só momento, ela provém de uma intensa e trabalhosa fatura na qual as cores são aplicadas e trabalhadas desde o início com uma ligação íntima gerada entre o pintor e a obra que precisa ser meditada, pois os personagens desfigurados são a própria representação do mundo de sonho com realismo trágico (fig.03). Com esta realidade Bini afirma que “somente um motivo pode nos levar a abstração, é a de que sendo a realidade tão dura e tão violenta, ela deve ser escondida pelas formas abstratas”.

Tendo estes fatos em mãos é natural que Jair consiga fazer de forma primorosa em suas obras, uma síntese dos antigos artistas que com profundidade trabalhavam as relações entre o sagrado e o profano e entre a realidade da arte e a realidade da sociedade. Dentro desta visão, a crítica que Bini realiza das obras de Jair, gira em torno de uma crítica sociológica a qual estuda a relação entre as atividades artísticas e a esfera social, visando exemplificar na obra de arte não o fato real, mas as impressões que eles causaram.

II Encontro Anual de Iniciação Científica
Universidade Estadual do Paraná
Campus Paranavaí, 25 a 27 de outubro de 2016.



Figura 03- Jair Mendes. Composição com História e figuras, Díptico, óleo sobre tela, 130x200 cm, 2002

(Reproduzido do Jornal da ABCA, São Paulo, p. 31, 01 ago. 2005)

O modo e espaço que o crítico usa para exercer seu papel, nos esclarece dados pertinentes sobre o mesmo. Quando Fernando Bini escreve sua crítica para uma fonte impressa, neste caso o Jornal da ABCA ele insere informações e conceitos relevantes para conhecermos e entendermos as razões e significados como cada obra influenciou de maneira diversa, diferentes artistas. E isto é o trabalho de um crítico exercido por quem enfaticamente gosta de ser chamado de professor, uma vez que este meio de informação é associado a objetividade, neutralidade, fidedignidade e credibilidade, critérios que também podemos usar para descrevermos um educador. Os jornais eram considerados as “enciclopédias do cotidiano”, onde se escreviam os registros fragmentados do dia a dia, que na maioria das vezes representavam o interesse de poucos. Se por um lado o professor em sala alcança apenas parte ínfima de uma população, no jornal isto se dá de forma contrária, visto que esta fonte impressa tem abrangência nacional. Então pode-se afirmar que o fazer jornalístico, por ser uma das principais fontes de informação, não poderia sofrer distorções de influências ocultas e de forma tendenciosa, visto que sendo esta fonte uma das mais acessíveis, seria erro primário estar vinculada a falta de credibilidade. Este pensamento vem a corroborar com o que escreve José Honório Rodrigues *apud* de Luca (2005, p.116) Assim ele diz “... nem sempre a independência e exatidão dominam o conteúdo editorial, caracterizando como mistura do imparcial e do tendencioso, do certo e do falso”³.

Mas por que motivo Fernando Bini realiza suas críticas de artistas paranaenses para um jornal? Certamente a resposta está na abrangência que este tem, o que nos demonstra o papel de professor enquanto disseminador de conhecimento e cultura.

³DE LUCA, T. R. Historia dos, nos e por meio dos periódicos. In: Pinsky, C. B. (org.). Fontes Históricas. São Paulo; Contexto, 2005. p. 111-153.

3.3 Napoleon Potyguara Lazzarotto, ilustrador de Guimarães Rosa

Poty Lazzarotto, nasceu em Curitiba a 29 de março de 1924. Estudou na Escola Nacional de Belas Artes, onde se formou em 1945. Foi aluno de Carlos Oswald, no Liceu de Artes e Ofícios, ocasião em que recebeu do governo francês bolsa para se aperfeiçoar em Paris (1946/47). Teve exposições individuais no Rio, São Paulo, Salvador, Recife e em Curitiba, sendo posteriormente homenageado pelo governo paranaense com Salas Especiais no XVIII Salão Paranaense (1961) e no 5º Salão de Arte Religiosa Brasileira, Londrina em 1969. Realizou exposição em Bruxelas, Londres e Washington. Em 1950 organizou o primeiro curso de gravura no Museu de Arte em São Paulo, tendo também ministrado curso de gravura na Bahia, Recife e Curitiba.

Na crítica sobre Poty Lazzarotto (1924) de (13 out.2007, p.12-13), Bini tem a tarefa de analisar obras de um artista que escolhe a gravura como arte, tendo em vista que com esta linguagem consegue atingir um público mais vasto. Bini exorta com maestria o caminho traçado por Poty, relata traços do pintor e gravador e exorta com clareza sua forma de linguagem, o que torna a gravura conhecida em todo o país. Também evoca o propósito do artista com a leitura, pois logo no título de sua crítica ele nomeia Poty como “O ilustrador de Guimarães Rosa”, fazendo uma análise das gravuras elaboradas pelo artista para os livros “Grandes sertão: Veredas (fig04) e Sagarana (fig05)”, este último sendo premiado na Bienal Internacional de São Paulo de 1969. Na obra executada por Poty, o crítico nos aponta que o artista traz à tona experiências vividas no passado e na atualidade, onde a imagem passa a ser atemporal e onde a gravura toma forma de texto. E se este texto ensina, acrescenta, educa, isto para Bini é algo fantástico, pois vê no artista o que ele mesmo é: professor e crítico, fazendo com que neste momento os ofícios se fundam num só, tanto de Poty quanto de Bini. Neste viés em que o crítico capta a eloquência do artista, a crítica de Bini vem ao encontro do pensamento de Frederico Morais⁴, o qual defende que

(...) mais difícil é encontrar, na diversidade de propostas uma coerência que não seja meramente visual, captar a personalidade do artista e o sentimento mais profundo de seu tempo (...) é viver profundamente a experiência de cada obra e acrescentar-lhe sua própria experiência, de tal maneira que, passados os anos, décadas, ela guarde a intuição criadora do artista e a percepção aguda do crítico. (2004, p.13)

Também reafirma o propósito que o artista tem com o texto, pois sempre tinha um pretexto para desenhar. Poty também ilustrou para escritores como: Machado de Assis, Temístocles Linhares, Dalton Trevisan, Darcy Ribeiro, Raquel de Queiroz, Jorge Amado entre outros. Bini também destaca o Poty muralista, que ali insere cenas da vida cotidiana da cidade como vemos nos murais de Curitiba onde ele executa a técnica em madeira, azulejos, cimento ou ainda vitrais. No pensamento de Poty, segundo o crítico, o indivíduo que circula pelas ruas se identifica com as imagens mostradas, onde Poty, homem simples, se comunica com seus pares. Podemos considerar Poty como o embaixador da

⁴ Morais, Frederico. Pensamento Crítico, 2004, Seffrin, Silvana (org), Rio de Janeiro: FUNARTE

II Encontro Anual de Iniciação Científica
Universidade Estadual do Paraná
Campus Paranavaí, 25 a 27 de outubro de 2016.

arte brasileira, pelo vasto número de ilustrações de livros tanto na literatura brasileira quanto na internacional. Certamente neste texto Bini deixa claro que conhece tanto a arte quanto o artista.

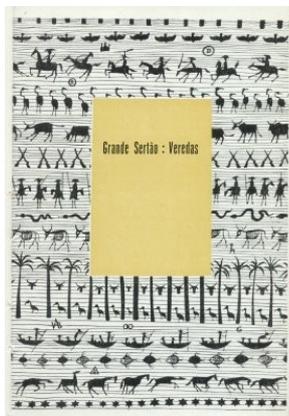


Figura 04- Poty Lazzarotto. Folha de rosto para a primeira edição de Grande sertão: Veredas, 1956.
(Reproduzido do Jornal da ABCA, São Paulo, p. 12, 13 out. 2007)



Figura 05- Poty Lazzaroto. Ilustração para Sagarana, 1958.
(Reproduzido do Jornal da ABCA, São Paulo, p. 12, 13 out. 2007)

3.4 Memórias: Deise Marin e Tânia Bloomfield

Deise Marin nasceu no Rio Grande do Sul, em 1965. Licenciada em Artes Plásticas pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná (EMBAP) e em Design pela Universidade Federal do Paraná. Pós-graduada no curso de especialização em História da Arte do Século XX pela EMBAP, em 2000 Universidade Federal do Paraná, em 1988. Professora do curso de Design da UFPR, de 2000 a 2002.

Tânia Bloomfield nasceu em Brasília, DF, em 1963. É licenciada em História pela Universidade de Brasília e em Educação Artística pela Universidade Federal do Paraná. Possui pós-graduação em História da Arte do século XX pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná -

II Encontro Anual de Iniciação Científica
Universidade Estadual do Paraná
Campus Paranavaí, 25 a 27 de outubro de 2016.

EMBAP. É professora do departamento de Artes da Universidade Federal do Paraná. Publicou a coleção "Espaço Arte", livros de arte-educação para o ensino fundamental, pela editora Nova Didática, Curitiba, PR. Realizou diversas exposições coletivas e individuais, destacando-se a III Bienal Mercosul e a "Lange Nacht der Museen" no ICBRA - Instituto Cultural Brasileiro na Alemanha, Berlim, Alemanha. Possui obras em acervos de instituições do Paraná e de colecionadores particulares.

Na crítica que faz no Jornal da ABCA (01 set.2003, p. 10-10) sobre Deise Marin (1965) e Tânia Bloomfield (1963), Bini se coloca no papel de expectador. Em ambas as obras não é empregado um caráter racional. Se olharmos as obras noutro ambiente que não fosse o expositivo, provavelmente não as veríamos como arte. As obras consistem em caixas de metal fabricadas industrialmente e no interior de algumas são colocados objetos como areia e terra (fig. 06) e outras permanecem vazias. Outra obra se resume em dezenas de dedos em silicone e presos como um lustre em um gancho de carne usado em açougue (fig. 07). Certamente nos questionaríamos se isto é arte. Mas Bini com uma desenvoltura ímpar nos revela aspectos determinantes para que nos tornemos admiradores das mesmas.

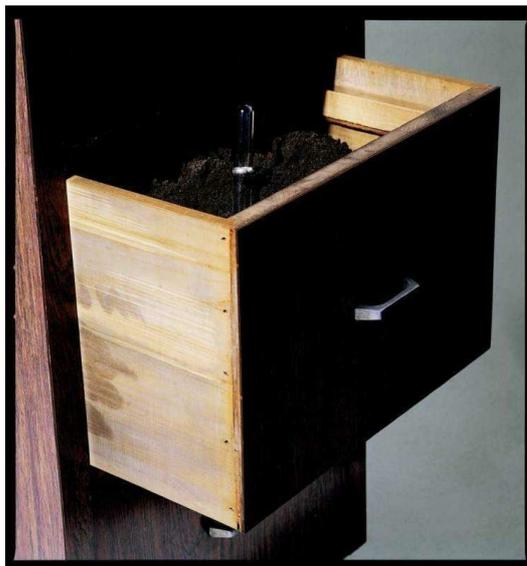


Figura 06- Tânia Bloomfield. Da cinza à cinza, do pó ao pó. Madeira, terra, areia, cinzas e anel de prata. Conjunto: 3,22 x 1,35 x 0,51. 2003.

http://muvi.advant.com.br/artistas/t/tania_bloomfield/tania_bloomfield.htm



Figura 07- Deise Marin. Eu não sou este corpo. Silicone, aço e sangue de animal. 3x3x3,5 m. 2003.

http://muvi.advant.com.br/artistas/d/deise_marin/deise_marin.htm

A sutileza e fluidez com que explica as obras faz com que a conversa entre crítico e leitor se torne harmoniosa e esta passe a fazer sentido. A maneira de olhar as obras, o vocabulário acessível, a prática de nos fazer olhar a obra com o olhar de quem as idealizou, faz com que nossos olhos consigam transitar com conforto e assim inconscientemente nossos olhos completem-nas. Esta experiência expande o conhecimento e consegue tirar um resultado sutil, porém proveitoso da observação da obra de arte.

Este tipo de crítica vem a corroborar com o que defende Jacques Leenhardt apud Martins (2000, p. 20) no livro Rumos da Crítica, onde afirma que “ assim transcrito o efeito plástico torna-se perceptível para aquele que não está acostumado com ele e o texto crítico funciona por sua vez, como uma escola do ver, uma pedagogia da sensibilidade. ”⁵

Pode-se dizer que esta maneira que Bini tem de ler as obras de Deise e Tania, como se fossem poesia, faz com que ele consiga inserir nelas um pouco de provocação, visto que é preciso que ele as conheça de forma singular para apontar os detalhes de cada situação. Isto não é fácil de se alcançar, tendo o papel do crítico, função importante no que diz respeito a ensinar a olhar, sentir e incorporar a obra de arte contemporânea dentro da visão do expectador, que em sua maioria não possui elementos de ordem literal para compreender de imediato a proposta em relação à determinadas exposições.

3.5 A arte chega no Céu

Fernando Bini, para o jornal (01 abr. 2003, p. 13-13) faz uma crítica que é uma espécie de relato em que coloca como foi idealizado e realizado um encontro o qual tinha os moldes de uma residência artística, onde participaram cem artistas dos mais diversos estados brasileiros e também alguns convidados do exterior em Faxinal do Céu, cidade no interior do Paraná. Este encontro ficou

⁵ Martins, Maria Helena (org) Rumos da Crítica. São Paulo, Senac 2000.

II Encontro Anual de Iniciação Científica
Universidade Estadual do Paraná
Campus Paranavaí, 25 a 27 de outubro de 2016.

denominado como “ FAXINAL DAS ARTES ” e tinha como propósito a troca de experiências, a reflexão individual e também o debate sobre as dificuldades que os artistas de um modo geral tem enfrentado em nosso país, mais especificamente no nosso Estado. Muitos diálogos, debates e discussões foram evidenciados na primeira semana que foi de adaptação para os artistas, que poderiam falar livremente sobre sua obra. O que se propunha era que o artista não poderia ficar só para produzi-la, sugeria-se que não ficassem no ateliê. Para esta produção, os artistas ficaram livres quanto a forma de trabalhar, o uso dos materiais, não se limitou nem tampouco se inibiu a experiência, ficando eles totalmente livres para refletir e produzir seu trabalho.

Alguns se apoderaram dos elementos da natureza existentes em abundância no local para elaborarem suas obras, já outros fizeram de destaque referências ao corpo. Outros ainda trabalharam com animais já existentes na região. As obras resultantes do encontro em Faxinal das artes foram expostas no Museu de Arte Contemporânea do Paraná, como uma divulgação do trabalho realizado nesta residência para um vasto número de pessoas.

Segundo o crítico, só pode compreender este encontro quem dele fez parte, visto que na opinião dos artistas, o mesmo foi muito válido pelos trabalhos e contatos feitos. Também se observou que este projeto deveria ter prosseguimento.

Este encontro durou quinze dias e teve o próprio Fernando Bini como um dos curadores e idealizadores junto com outros artistas. Vemos de forma tendenciosa a crítica que Bini realiza para o jornal da ABCA, pelo fato do próprio crítico ser o idealizador do evento e que por isso não escreveria comentários negativos.

Acreditamos que se outro profissional da área tivesse elaborado a mesma crítica, ficaria menos tendenciosa, logo, mais natural e aceitável. Mas vemos na literatura que isso em geral acontece, então fazemos nossas as palavras de Tania Regina de Luca (2005, p.116) quando afirma que “ nem sempre e independência e exatidão dominam o conteúdo editorial “ caracterizado como “ mistura do imparcial e do tendencioso, do certo e do falso”.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa procurou buscar relações relevantes que pudessem trazer à luz dados que possam colaborar e reafirmar o posicionamento crítico de Fernando Bini sobre os artistas paranaenses para o Jornal da ABCA.

Neste importante exercício de crítico de arte, Bini com desenvoltura e docilidade impecável, ajuda o leitor a entender as obras. Isto acontece com naturalidade, pois nas descrições deste crítico encontramos didática, que pode ser classificada como um adjetivo essencial da figura do professor que é como Fernando Bini gosta de ser chamado.

Bini mostra a execução, organização, planejamento e em alguns casos, a inspiração com momentos vividos pelos artistas para executar e finalizar a obra. Estes fatos nos levam a entender o porquê Bini aceita fazer a crítica para as obras de artistas que ele conhece e que já tenham uma

II Encontro Anual de Iniciação Científica
Universidade Estadual do Paraná
Campus Paranavaí, 25 a 27 de outubro de 2016.

produção madura. Este envolvimento e estudo da vida e obra dos artistas faz com que a crítica de Fernando Bini pareça ser um relato de um amigo próximo, com comentários e explicações que de algum modo o artista deixa gravado na obra, mas o observador possa não perceber.

É neste momento que a crítica de arte desenvolve o seu papel no que diz respeito ao ensinar a olhar. Tratando-se de Fernando Bini este papel de crítico se funde ao de professor. Desta forma entendemos que esta pesquisa sugere novas investigações no que diz respeito ao papel de crítico de arte, visto que ainda possui um vasto grupo de obras que Bini fez a curadoria e não foram investigadas nesta pesquisa.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DE LUCA, T. R. Historia dos, nos e por meio dos periódicos. In: Pinsky, C. B. (org.). Fontes Históricas. São Paulo; Contexto, 2005. p. 111-153.

ARANTES, Otilia. Política das Artes, Mário Pedrosa. São Paulo: Editora da USP, 1995.

MORAIS, Frederico. Pensamento Crítico, 2004, Seffrin, Silvana (org), Rio de Janeiro: FUNARTE

MARTINS, Maria Helena (org) Rumos da Crítica. São Paulo, Senac 2000.

BINI, F. A. F. Fernando Velloso, o artista e o crítico. Jornal da ABCA, São Paulo, p. 12-13, 01 abr. 2009.

BINI, F. A. F. Poty, o ilustrador de Guimarães Rosa. Jornal da ABCA, São Paulo, p. 12-13, 13 out. 2007.

BINI, F. A. F. Jair Mendes, o lado humano do sagrado. Jornal da ABCA, São Paulo, p. 30 – 31, 01 ago. 2005.

BINI, F. A. F. Corpo e memória em Deise Marin e Tânia Bloomfield. Jornal da ABCA, São Paulo, p. 10-10, 01 set. 2003.

BINI, F. A. F. As artes e o Faxinal do céu. Jornal da ABCA, São Paulo, p. 13 – 13, 01 abr. 2003.

BINI, F. A. F. Fernando Velloso: o seguro exercício da forma e da cor, p.46, Curitiba, 2003.

MARIN, Deise. Eu não sou este corpo. Silicone, aço e sangue de animal. 3x3x3,5 m. 2003.

http://muvi.advant.com.br/artistas/d/deise_marin/deise_marin.htm. Acesso em 02/08/2016.

BLOOMFIELD, Tânia. Da cinza à cinza, do pó ao pó. Madeira, terra, areia, cinzas e anel de prata. Conjunto: 3,22 x 1,35 x 0,51. 2003.

http://muvi.advant.com.br/artistas/t/tania_bloomfield/tania_bloomfield.htm. Acesso em 02/08/2016.